Entrevista da Prof.^a Dra. Laura Scheiber ao Laboratório de Extensão, Práticas, Pesquisas, Publicações Acadêmicas e Internacionalização (Lepppai)

Entrevistada - Profa. Dra. Laura Scheiber, da City University of New York (CUNY): Doutora em Teachers College pela Columbia University, no programa de Pós-graduação em Educação Comparativa e Sociologia do Departamento da Educação internacional e transcultural.

Entrevista concedida ao Prof. Dr. Robson Figueiredo Brito: Editor gerente da Revista Conecte-se da PROEX - PUC Minas, Coordenador do Laboratório de Extensão Práticas, Pesquisas e Publicações Acadêmicas e Internacionalização – LEPPPAI – Professor Adjunto II do Departamento/Curso de Filosofia da PUC Minas, Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Lepppai: Você poderia nos contar um pouco da sua história enquanto pesquisadora, e suas experiências trabalhando com jovens?

Laura: A minha história profissional com jovens começou quando eu me formei na faculdade, em 1995. Eu trabalhava como Gerente de Casos em Chicago, com famílias que haviam estado em situação de rua e que estavam então em moradias de um projeto subsidiado pelo governo. Muitos jovens que viviam nessas moradias estavam envolvidos em gangues. Eu vi muito potencial nesses jovens, mas também vi os difíceis obstáculos que eles enfrentavam por causa do racismo estrutural e do isolamento social daquela vizinhança. Um desses jovens, por exemplo, queria terminar o ensino médio, mas uma gangue rival impedia que ele frequentasse a escola do bairro em segurança. Nós rodamos a cidade inteira tentando encontrar uma alternativa para ele. Ele enfrentou obstáculo após obstáculo, como, por exemplo, o de não ter recursos para pagar o transporte e poder frequentar uma escola em outro bairro. Essa experiência realmente me marcou, porque ele estava sendo prejudicado em algo que é um Direito Humano básico. Eu não pude deixar de pensar que se ele pudesse ter acesso a uma educação de qualidade, em um ambiente seguro, ele se desenvolveria plenamente.

Essa experiência me motivou a fazer o Mestrado em Desenvolvimento Educacional Internacional no Teachers College, na Columbia University. Muitas das minhas disciplinas eram fundamentadas em teoria crítica, então eu aprendi sobre como o nosso sistema educacional frequentemente reproduz dinâmicas de poder que são injustas e opressoras; ao

mesmo tempo eu também aprendi que por meio da pedagogia crítica, nós podemos empoderar os jovens, cultivando a consciência crítica e, principalmente, motivando-os a terem um senso de autonomia para mudarem as estruturas sociais que historicamente os oprime.

Quando eu dei continuidade aos meus estudos de pós-graduação, eu tive a sorte de participar de um curso no Brasil, sobre Direitos Humanos, em que nós visitamos inúmeras organizações sem fins lucrativos, comprometidas com o empoderamento da juventude, combatendo injustiças como o racismo, a violência policial e a desigualdade socioeconômica. Muitas das organizações tinham uma abordagem pedagógica participativa, em que os jovens atendidos eram intencionalmente incluídos na organização das atividades e também recebiam treinamento para entrarem em cargos dentro dessas organizações. Essa abordagem permitiu que a perspectiva e a voz dos jovens fossem incluídas no desenvolvimento das organizações. Eu fiquei inspirada pela abordagem inovadora que essas organizações utilizavam e como elas estavam guiando esse trabalho por meio dos Direitos Humanos. Por fim, eu acabei construindo minha tese de doutorado abordando as trajetórias de aprendizado dos líderes de organizações sem fins lucrativos do Brasil, graças a essa experiência.

Lepppai: Qual é o significado prático do lema: “O mundo que queremos: eu, você e nós”? O que ele significa para você?

Laura: Na prática, eu acredito que o lema “O mundo que queremos: eu, você e nós” significa que todos nós temos a capacidade e a responsabilidade de tomar iniciativa para uma sociedade mais justa e democrática. Nesse processo coletivo, eu acho que é importante refletir de maneira profunda e considerar as múltiplas perspectivas de como a sociedade não só impacta a nós, mas também aos outros. Quando nós pensamos sobre o mundo social que queremos, é importante perguntar: “Um mundo para quem?”, “Quem tem vantagens e desvantagens injustas devido à configuração do nosso mundo social?”, “Como podemos fazer uma mudança fundamentada em uma justiça social que inclua uma equidade?”. Eu acredito que seja importante pensar intencionalmente sobre os valores centrais que moldam nossas ações sociais. Quando trabalhamos com valores fundamentados em justiça social, emancipação e equidade, todos ganham, porque a mudança coletiva que é focada nesses valores abarca inclusão, desmantela desigualdades sistêmicas e empodera todos os indivíduos para participarem na sociedade de forma plena e autêntica.

Lepppai: Qual é a metodologia que você utiliza com a geração mais jovem, para que eles se tornem cidadãos comprometidos com a transformação social de suas comunidades e também do mundo?

Laura: Eu gosto de trabalhar aprendendo junto, como uma colaboradora para a geração mais nova, especialmente por meio de métodos investigativos com ação participativa, que nos ajudam a entender e tratar de problemas sociais que impactam diretamente a vida deles. Eu acredito que a geração mais jovem tem experiências, ideias e conhecimentos inestimáveis, e que a perspectiva deles é muito significativa para a construção de conhecimento e transformação social. Infelizmente, nem sempre os jovens são valorizados ou ouvidos na sociedade; então, ouçam-nos – eu quero dizer, ouvir de verdade – é muito importante!

Quanto a lecionar, eu sempre começo perguntando aos meus estudantes sobre os interesses e curiosidades que eles têm, para assegurar que o aprendizado seja significativo para a vida e para a jornada acadêmica. Eu pergunto aos estudantes quais questões e curiosidades eles gostariam de estudar, para me certificar de que eles estão engajados no tópico e no processo de aprendizado. Utilizando um método de investigação com ação participativa e uma abordagem pedagógica crítica, um dos meus métodos de ensino favoritos é pedir que os estudantes criem um projeto colaborativo sobre um problema social que eles considerem relevante; com o objetivo de instigar uma mudança social por meio de uma chamada para a ação que é liderada pelos estudantes. Como parte desse processo, os estudantes ficam engajados em um processo de aprendizado baseado no aprendizado por investigação (*inquiry-based learning*), que abarca o pensamento crítico e as habilidades de pesquisa deles. Eles participam de atividades interativas de investigação “pondo a mão na massa”, como por exemplo, conduzindo entrevistas com especialistas em algum tópico relacionado a questões sociais, ou trabalham em conjunto para criar uma apresentação digital sobre o problema social que eles estão investigando. Eu acredito que seja importante tirar os estudantes da sala de aula e fundamentar o aprendizado deles no mundo real, para que as suas comunidades e os problemas sociais que estas enfrentam sirvam como uma oportunidade de aprendizado.

Geralmente, quando eu peço que os estudantes criem um trabalho, existe uma chamada para a ação social, que é voltada para um público real, incentivando o engajamento cívico e fazendo com que os estudantes percebam que eles possuem o potencial para a transformação social. Os estudantes investigam, em conjunto, maneiras de abordar algum problema social que tem

impacto na comunidade deles e têm a tarefa de destacar algumas ações específicas que eles e os demais podem tomar para gerar uma mudança social. Como parte desse processo de investigação, os estudantes recebem tarefas relacionadas com a pesquisa de organizações, políticas/regulamentos e movimentos sociais que estejam realizando trabalhos relevantes e tendo um impacto importante para a questão social que está sendo trabalhada. Essa parte do processo investigativo é muito divertida, porque os estudantes veem o poder da ação coletiva quando se trata de transformação social e como eles têm o potencial de desempenhar um papel importante nesse processo.

Lepppai: Você morou no Brasil e em Belo Horizonte por um tempo. Você pode nos contar sobre a sua experiência de trabalhar com jovens, educadores e pesquisadores aqui na PUC Minas?

Laura: Com toda a sinceridade, ter morado e trabalhado em Belo Horizonte por dois anos foi uma das melhores experiências da minha vida! Eu tive a sorte de ter uma bolsa de pós-doutorado com a inestimável mentoria da professora de linguística Dra. Jane Quintiliano. Entre 2014-2016, nós realizamos experimentos sobre tecnologias digitais e abordagens de ensino, como “A sala de aula invertida” (*Flipped classroom*), que estavam moldando as experiências de aprendizado de estudantes universitários. Nós trabalhamos com muitos estudantes jovens que se identificavam como sendo “a primeira geração de universitários da família” e nós queríamos examinar se essas novas tecnologias abarcavam a democratização do Ensino superior ou se essas tecnologias estavam exacerbando a falta de equidade.

Eu fui inspirada e comovida pelo comprometimento dos alunos com os estudos, apesar da rotina intensa que eles tinham, incluindo trabalhos de tempo integral, viagens de três horas por dia no transporte para virem às aulas e depois fazerem as lições de casa tarde da noite. (No fim do dia nós descobrimos que, para alguns alunos, “A sala de aula invertida” funcionava bem, e outros preferiam a experiência tradicional da sala de aula. O que foi mais importante do que a tecnologia foi a abordagem pedagógica. Quando a tecnologia é utilizada para abarcar o aprendizado coletivo e ativo, acontece uma experiência de aprendizado mais significativa).

Juntamente com esse projeto, eu tive o privilégio de trabalhar com muitos colegas incríveis e jovens promissores na PUC Minas. Eu trabalhei em um projeto de ação investigativa participativa intitulado: “Redes: linguagem em atividades de atuação e formação

profissional”. Esse projeto, que foi dirigido pela Dra. Juliana Assis e coordenado pela Dra. Maria Ângela Paulino e Dra. Jane Quintiliano, tinha por objetivo melhorar práticas de treinamento de professores, bem como abordar problemas e demandas que as escolas públicas enfrentam em Minas Gerais. O que foi tão especial e inspirador foi que o projeto incluiu intencionalmente os estudantes de graduação e pós-graduação no processo de pesquisa, assim como professores e alunos das escolas públicas, para garantir que as suas perspectivas e vozes fossem centrais para o estudo.

Graças a um convite feito pelo Dr. Robson Brito, eu pude ministrar uma oficina de *Design thinking* e fiquei muito inspirada pelas ideias inovadoras que foram geradas pelos estudantes de Direito do Campus São Gabriel da PUC Minas. Os estudantes tiveram ideias simplesmente incríveis sobre como abordar os desafios relacionados ao transporte público de Belo Horizonte.

Eu sou muito grata ao Dr. Armindo dos Santos de Sousa Teodósio, que me convidou para participar de eventos associados ao Núcleo de Pesquisas em Ética e Gestão Social (NUPEGS). Minha dissertação teve por tema as trajetórias de aprendizagem de empreendedores sociais no Brasil que são dedicados ao empoderamento da juventude que vive em áreas de alto conflito. Uma vez que o NUPEGS tem foco em empreendedorismo social e práticas de empreendedorismo com responsabilidade social e ética, eu fiquei maravilhada em aprender com esse grupo inspirador de acadêmicos que realizam um trabalho importante, voltado para a melhoria da qualidade de vida de algumas das populações mais vulneráveis do Brasil.

Eu também tive a oportunidade de supervisionar um estudante de graduação brilhante na PUC Minas, Lucas Evencio, como parte de um projeto de pesquisa etnográfico dirigido pela Dra. Payal Arora, da Erasmus University. O estudo teve por objetivo procurar compreender a perspectiva da juventude brasileira que mora em áreas periféricas e sobre a noção que os jovens tinham de privacidade em espaços digitais. Sem dúvidas a contribuição do Lucas enquanto entrevistador foi um pivô para o sucesso do projeto.

Recentemente eu retornei à PUC Minas, em agosto de 2024, para ministrar um minicurso e participar de atividades de pesquisa a convite da Dra. Jane Quintiliano, em um projeto de internacionalização promovido pelo Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-graduação da PUC Minas. Inspirado pelos estudos de Steve Goodman e fundamentado em pedagogia crítica, os participantes do minicurso aprenderam sobre como facilitar um projeto de investigação com

ação participativa, que inclui intencionalmente as perspectivas de jovens que historicamente foram excluídos das mídias e da academia.

Eu estou tão animada por me reconectar com os colegas da PUC Minas e estou envolvida em dois projetos de pesquisa. O primeiro é financiado pela FAPEMIG e é intitulado: *Sustainability in the post-pandemic scenario: challenges and contributions. (Sustentabilidade no cenário pós-pandêmico: desafios e contribuições)* Essa pesquisa tem quatro subcategorias e é uma colaboração internacional autêntica, uma vez que inclui pesquisadores da PUC Minas e de outros países também. Eu estou trabalhando com a subcategoria de Educação de qualidade, que é coordenada pela Dra. Juliana Assis e com subcoordenação da Dra. Lucila Ishitani.

O segundo é um projeto com o CNPq/Universal, intitulado: *Academic-scientific literacy and scientific dissemination in a context of disinformation: training in higher education in dialogue with society (Letramento acadêmico-científico e disseminação científica no contexto de desinformação: treinamento no Ensino superior em diálogo com a sociedade)*, que tem sido desenvolvido desde 2023. É coordenado pela Dra. Juliana Assis (PUC Minas) e conta com a participação de outros professores e pesquisadores da PUC Minas, de outros estados do Brasil e também de outros países.

Lepppai: Você pode falar um pouco sobre como a juventude tem se transformado ao longo do tempo?

Laura: Em minha opinião, eu acredito que a juventude de hoje está mais situada e tem mais autonomia do que nunca. O próprio conceito de “juventude” mudou com o passar do tempo. Historicamente, a juventude tinha poucos direitos e era socializada para ser obediente, com a expectativa de que seguisse os passos de seus pais. Em comparação ao passado, hoje a juventude tem um senso de autonomia mais forte, em parte por conta dos movimentos globais de Direitos Humanos, e também pelo trabalho de acadêmicos no campo dos estudos sobre a juventude, como a Dra. Sara Zeller Berkman, que encoraja a sociedade a repensar o conceito de juventude e perceber os seus aspectos fortes.

Eu também penso que a tecnologia tem causado um profundo impacto na sociedade em geral, o que inevitavelmente impacta as esferas sociais e as experiências da juventude. Os jovens de hoje têm um acesso sem precedentes à informação e ao conhecimento, bem como às

plataformas sociais. Naturalmente, o conhecimento e a informação que nós acessamos regulam a maneira que nós percebemos e navegamos no mundo ao nosso redor.

E, sendo seres sociais, plataformas sociais digitais significam que o modo como nós interagimos socialmente uns com os outros tem se moldado de muitas formas. Assim como em qualquer momento na história, a maneira como a tecnologia é utilizada e o impacto que tem nas pessoas – incluindo a juventude – tem o potencial de ser positivo ou negativo. Eu acredito que nosso trabalho enquanto educadores, pesquisadores e advogados pela mudança social é o de preparar os jovens para alavancar a tecnologia de maneira positiva e se tornarem cidadãos digitais responsáveis.

Lepppai: Enquanto pesquisadora e educadora que está envolvida com práticas de transformação social, qual é a mensagem que você gostaria de deixar para nós?

Laura: É uma verdadeira honra e uma alegria estar aprendendo com a comunidade da PUC Minas! Eu estou ansiosa para trabalhar em conjunto pela transformação social, por meio de parcerias internacionais significativas, especialmente as que envolvem o empoderamento dos jovens!